

# O jornalismo comunitário como instrumento de mobilização social e gerador de renda para desempregados

Uma experiência na formação de jornalistas populares e comunitários

Professora Arcelina Helena Públio Dias

Universidade de Brasília

Distrito Federal

## 1. “Revistas de rua” no mundo lutam contra a exclusão

Revistas e jornais voltados para os problemas dos excluídos podem ser encontrados em quase todas as metrópoles do primeiro mundo. Semanais ou mensais, esses periódicos são vendidos pelas ruas, bares e metrô, por desempregados, organizados em associações, o que lhes garante, como renda, no mínimo, metade do valor de cada exemplar. A tiragem ultrapassa, na maioria das vezes, cem mil exemplares. O **Street News**, de Nova Iorque, e o **Big Issue**, de Londres, chegam a tirar meio milhão.

Em Brasília, surgiu, em final de 1997, a primeira revista pela inclusão social, vendida na rua por desempregados: **NÓS** é o resultado de um curso de formação de jornalistas comunitários.

## 2) Origens:

Em 1988, quando lecionávamos na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, oferecemos um curso de Jornalismo Comunitário , no Núcleo de Extensão da UnB na Ceilândia, uma das cidades satélites do DF com menor renda *per capita*. Como pré-requisito pedimos que os inscritos provassem apenas que sabiam ler e escrever. Mais de 60 moradores, não só da Ceilândia, como de outras localidades e mais alguns poucos alunos da UnB, aprenderam, com aulas aos sábados durante três meses, os rudimentos do jornalismo comunitário e produziram o **Nós da Ceilândia**, um tablóide , em preto e branco, com 12 páginas. Na época, contamos com o apoio do **Jornal do Brasil** , que forneceu os filmes e o profissional fotógrafo para o aprendizado dos alunos e ainda imprimiu 10 mil exemplares do **Nós da Ceilândia**, distribuídos pelos alunos nas suas comunidades.

Um segundo curso foi oferecido, nos mesmos moldes, gerando o número 2 do **Nós da Ceilândia**

Os frutos dessa experiência foram riquíssimos para nós professores, para o Decanato de Extensão da UnB e principalmente para a comunidade da Ceilândia. Vários alunos conseguiram, depois desse aprendizado, fazer jornais e boletins em suas quadras, comunidades e associações. Muitos se encaminharam para atividades políticas ou reforçaram a atividade comunitária que já exerciam. Outros ainda criaram coragem, concluíram o supletivo e enfrentaram o vestibular. Hoje são alunos regulares da UnB e de outras faculdades de Brasília. Infelizmente, não foi possível dar continuidade a este projeto uma vez que as horas aulas das atividades de extensão não entram na contagem de tempo de trabalho dos professores, desestimulando-os.

Em 1995, tomamos conhecimento de inúmeros jornais e revistas “de rua” , vendidos por desempregados em quase todas as capitais da Europa e dos Estados Unidos, como forma de conscientizar a população sobre os temas sociais e gerar renda para os marginalizados do processo de globalização. Foi quando apresentamos a Secretaria do Trabalho do Governo do

Distrito Federal, uma proposta de curso profissionalizante de Jornalismo Comunitário. A proposta teve por base a experiência realizada na Ceilândia acrescida da nova meta de proporcionar aos alunos também a possibilidade de obterem uma renda através da venda da revista que viriam a realizar no decorrer do curso.

### **3) A semente caiu em campo fértil**

O Governo Popular e Democrático de Brasília tem a frente o mesmo professor Critóvam Buarque, que era o reitor da Universidade de Brasília, em 1988. Além disso, a Secretaria do Trabalho vem se destacando, em todo o Brasil, por ser a unidade da Federação que mais oferece cursos de formação profissional, utilizando-se dos recursos do FAT - Fundo de Amparo ao Trabalhador - como uma das formas de combater o desemprego e adaptar o trabalhador para as novas realidades do mercado..

Desta forma e com esses parceiros ( Faculdade de Comunicação, as secretarias do Trabalho e da Comunicação do DF, o Ministério do Trabalho, e o Cesam -Centro Salesiano do Menor - que administrou os recursos ) demos início a divulgação do curso através dos meios de comunicação de massa e dos postos do SINE - Sistema Nacional de Emprego.

### **4) 552 desempregados se inscreveram**

Como pré-requisito colocamos apenas que os desempregados que se inscrevessem deveriam ter uma escolaridade mínima de quinta série do curso primário, idade mínima de 17 anos e disponibilidade para ter aulas todos os dias da semana no horário da tarde.

Para nossa grande surpresa e alegria, 552 pessoas se inscreveram. Realizamos então uma Aulas Magna para todos eles. Explicamos que tínhamos que fazer uma seleção pois só dispúnhamos de 50 vagas. Aplicamos um questionário simples cujos resultados mais significativos apresentamos :

## PESQUISA

### Idade

De 15 a 20	42,45%
De 21 a 30	40,46%
De 31 a 40	10,83%
De 41 a 50	4,27%
Mais de 50	0,28%

### Instrução

1° Grau incompleto	15,95%
1° Grau completo	7,69%
2° Grau incompleto	24,22%
2° Grau completo	36,75%
3° Grau incompleto	11,68%
3° Grau completo	3,42%
Não informado	0,28%

### Como sobrevive

Família	78,63%
Trabalho informal	18,80%
Emprego	6,27%
Outros	7,69%

### Bairro

Ceilândia	15,67%
Plano Piloto	11,97%
Taguatinga	10,54%
Brazlândia	8,26%
Guará	7,12%
Cruzeiro	6,84%
Planaltina	6,84%
Samambaia	6,84%
Sobradinho	6,27%
Gama	5,98%
Entorno	4,27%
Santa Maria	3,70 %
São Sebastião	1,71%
Núcleo Bandeirante	1,14%
Recanto das Emas	0,85%
Paranoá	0,57%
Área Octogonal	0,28%
Varjão	0,28%
Vila Planalto	0,28%
Não informado	0,57%

### Sabe lidar com computador

Sim	20,80%
-----	--------

Não	34,47%
Mais ou menos	44,73%

#### **Participa ou participou de jornal comunitário**

Sim	31,43%
Não	68,57%

#### **Participa ou participou de alguma associação**

Igreja	43,43%
Escola / grêmio	12%
Cultural	10,86%
Esportiva	7,71%
De bairro	6,57%
Partido político	6%
Sindicato / cooperativa	3,43%
Assistencial	1,43%
Movimento social	1,43%
Saúde	1,14%
Nenhum	29,71%

Contando com esses mais de 500 interessados em aprender jornalismo comunitário, podemos nos dar ao luxo de escolher segundo os seguintes critérios:

- 1) Representatividade das 19 cidades satélites do DF e mais tres cidades do entorno goiano e mineiro.
- 2) Interesse e participação em movimentos sociais e comunitários ( clubes, associações de moradores, partidos políticos, movimentos de igrejas )
- 3) Aptidões para atividades relacionadas ao jornalismo escrito . Tais como capacidade de se expressar por escrito , fazer desenhos, gostar pela fotografia, digitar, ter desembaraço e gosto para vendas.

## **5) Aprender fazendo**

No dia 3 de setembro de 1998, iniciamos o curso de Jornalismo Comunitário, no Auditório da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, o único espaço capaz de acomodar os 50 alunos.

O primeiro módulo do curso constou de 308 horas aulas, repetindo a mesma metodologia utilizada no curso da Ceilândia: "aprender fazendo". O número 1 da revista **NÓS** é o resultado deste aprendizado.

Desta vez contamos com a importante colaboração de vários professores da Faculdade de Comunicação e de profissionais de Brasília e de São Paulo. As aulas diárias iniciavam, sempre, com a leitura crítica dos jornais e revistas, graciosamente fornecidos pelo **Correio Braziliense** e por outros veículos com sede ou sucursal em Brasília.

As aulas teóricas eram seguidas de exercício práticos, sempre tendo em mente o objetivo de produzir, no final do primeiro módulo, um veículo impresso.

Todos os alunos tiveram conhecimento básico sobre notícia, redação jornalística, entrevista, fotojornalismo, diagramação, ilustração, ética, promoções de eventos, vendas, direitos constitucionais à comunicação e luta pela democratização dos meios, experiências em rádio, TV e jornalismo comunitário.

## **6) Respeito às individualidades e decisões democráticas**

No decorrer do curso, os alunos foram tomando decisões sobre o veículo que iriam lançar. Assim optamos por uma revista que trataria de assuntos variados, privilegiando as comunidades mais distantes dos olhos dos grandes meios de comunicação. Foi unânime a decisão de colocar a revista a serviço da “inclusão social e da mobilização, através de apelos aos sentimentos de justiça e solidariedade, de toda a sociedade para atingir este objetivo”.

Os nomes escolhidos para as editorias, através de inúmeras votações, refletem bem esta proposta: Políticas para a Paz, Solidariedade e movimentos sociais, Cultura ( privilegiando as satélites) , Faixas etárias e família, Dever de Estado ( para tratar de educação, transporte, segurança etc), Deveres e direitos dos cidadãos, Reforma agrária e meio ambiente.

O nome da revista mobilizou as paixões e quase levou a uma diáspora. **NOS**, com o duplo sentido de comunidade e dificuldades, venceu após inúmeras e barulhentas votações, e finalmente, a classe entrou no processo de fechamento da revista. .

No decorrer do curso fortaleceram-se as aptidões, preferências e habilidades de cada um. Desta forma, abriu-se espaço para que cada um pudesse fazer, na **NÓS**, as atividades que mais lhes agradassem. No final do curso, uns desenhavam, outros digitavam ou fotografavam ou acompanhavam a diagramação. A maioria escrevia, revisava, editava, sempre supervisionados por professores e jornalistas profissionais.

## **7) O lançamento da revista**

Foi no dia 17 de dezembro, no hall do Palácio do Buriti, com a presença do Governador Cristovam Buarque, dos secretários do Trabalho e da Comunicação e, principalmente, das lideranças comunitárias das cidades satélites. O coquetel foi organizado pelos próprios alunos que se mobilizaram para encontrar patrocinadores. No final, eles mesmos foram para copa lavar copos, serviram os salgadinhos, além de, evidentemente, fazer o discurso de formatura, homenagear a comunidade e as autoridades, agradecer aos professores, apresentar uma “mística” sobre o processo de elaboração de um jornal comunitário, dirigido pela caçula das alunas, Silvana França Ferreira, do Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra.

O lançamento de **NÓS** poderia ter sido um acontecimento político. Teve até uma razoável cobertura da imprensa - jornais locais, rádios e TV. Mas, na nossa avaliação, foi principalmente uma grande festa para os alunos. Eles se sentiram muito prestigiados pelas lideranças de suas localidades e pelo Governo. E com a revista na mão, ostentavam grande alegria e orgulho de ter realizado um trabalho que poucos acreditavam que fossem capazes.

O ponto alto desta festa foi a leitura do poema, redigido por uma das alunas, a jogadora de futebol Lúcia Airam, da cidade satélite do Gama.

O Jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF, na edição de setembro nº. 25, havia publicado editorial "Curso de Jornalismo Comunitário é engodo contra a sociedade", em primeira página. O seu conteúdo, caluniando a coordenadora do curso e a proposta de formar jornalistas comunitários, sem o devido diploma da faculdade, causou grande reação entre os alunos e também em suas comunidades. Vários artigos e poemas foram escritos. Selecionamos "Quem somos nós", também publicado no nº 1 de **NÓS**.

## **Quem somos nós????**

Somos cinquenta sementes (variações de uma sociedade imperfeita,  
 por isso, imperfeitos também),  
 escolhidos pela agrônoma Arcelina (do sonho perfeito);  
 estamos doidas para germinar,  
 o terreno é fértil mas acidentado,  
 por isso temos que nos adaptar.  
 Somos sementes de todo lugar,  
 por isso temos chance de germinar.  
 Mesmo se a chuva não cair  
 ou quiserem nos arrancar  
 – e querem  
 porque esta terra tem dono,  
 outros agrônomos, que não querem banana  
 e inventam sementes de caviar,  
 usam seus diplomas de quatro  
 anos pra fazer a água parar.  
 Mas, é um engano:  
 a água deles é um pequeno rio,  
 a nossa,  
 é o mar.

Temos a quarta série mas  
 conhecemos tudo  
 da vida um pouco,  
 da sociedade, um pouco  
 do sindicato, do céu e do inferno...Somos fera.  
 Por isso o diploma para nós  
 é um "pálido ponto azul"  
 no infinito dos nossos objetivos.  
 Já fomos, sim, serventes do medo  
 e recepcionistas da mentira,  
 mas nos cansamos disto,  
 e os calos de nossas mãos humildes  
 são os pilares desta força invisível, no cume da explosão  
 – somos pequenos agora, mas somos imãs -  
 e o nosso conceito vai mudar de  
 sementinhas pra Jequitibá.



## **8) A venda nas ruas**

Cada aluno recebeu , no primeiro momento, em média, 300 revistas. Como não havia uma nota fiscal que permitisse a venda, as revistas foram oferecidas à comunidade em troca de uma contribuição ( segundo alguns alunos que “poderia variar entre um e mil reais”). A resposta da comunidade foi excelente. Nos bares, nas escolas, universidades, eventos, os alunos mais desinibidos conseguiam até cem reais por uma noite de trabalho. O dinheiro foi usado por eles para pagar aluguel, contas atrasadas, comprar cestas básicas, consertar fossas e goteiras até para pagar passagem para Bahia, no Ano Novo, e comprar telefone celular.

No reinício das aulas, em 15 de janeiro, 21 dos 43 que terminaram o 1º Módulo do Curso de Jornalismo Comunitário juntaram-se aos quatro novatos para dar continuidade ao projeto. Neste 2º Modulo do Curso , que terminará no final de março, a proposta é continuar o aprendizado através dos trabalhos práticos para a execução do número 2 de **NÓS**. Além disso, os alunos estão recebendo 30 horas/aulas sobre cooperativismo, com o objetivo de dar-lhes subsídios para que possam se organizar em cooperativa e assim dar continuidade ao projeto.

Animados com tal perspectiva, a assembléia dos alunos resolveu reservar uma parte do resultado das “vendas”do número um de **NÓS** para a futura cooperativa.

## **9) Conclusão e avaliação**

Como o curso ainda está em andamento no momento que terminamos este paper, nos propomos fazer a avaliação deste trabalho durante o Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, em São Paulo, quando estaremos participando do Grupo Temático “Comunicação e estratégias na formação para a cidadania”.

## Resumo:

O Curso de Jornalismo Comunitário foi realizado em Brasília, como parte de um programa do Governo do Distrito Federal que visa a formação profissional e para a cidadania de trabalhadores desempregados.

Os 50 alunos foram selecionados, entre os 552 inscritos, tendo em conta a escolaridade mínima de quinta série do curso primário, idade mínima de 17 anos, aptidões para tarefas relacionadas a produção de um veículo escrito, e principalmente inserção social nas 21 comunidades de onde provinham: cidades do DF e Entorno.

Durante o primeiro módulo do curso, ( com três meses e meio de aulas diárias) eles aprenderam técnicas de texto jornalístico , fotografia, edição, diagramação, charge, ética.

Através do método *aprender fazendo*, os alunos, com a orientação de professores e profissionais, conceberam **NÓS** - revista comunitária, pela inclusão social, com solidariedade - e a concretizaram.

Imediatamente após o lançamento da revista, no dia 17 de dezembro de 1997, os alunos saíram pelas ruas, no Plano Piloto e em suas comunidades, vendendo **NÓS**. A renda da venda desses 17 mil exemplares do primeiro número de **NÓS**, conforme foi estabelecido desde o início, reverteu, totalmente, para cada um dos desempregados. O segundo módulo do curso, em andamento, com dois meses e meio de duração, tem por objetivo realizar o segundo número de **NÓS** e formar uma cooperativa para dar continuidade ao projeto e garantir uma renda para cada um dos alunos cooperados.

Brasília, 5 de março de 1998

Resumen:

El curso de periodismo comunitario fue realizado en la Universidad de Brasília, como parte del programa del Gobierno del Distrito

Federal con el objetivo de ofrecer a los trabajadores desempleados formación profesional y ciudadana.

Los 50 alumnos fueron seleccionados entre 552 aspirantes, teniendo como pré-requisitos año mínimo cursado quinto de primária, edad mínima de 17 años, aptitud para las tareas relacionadas con la producción de un empresa y , principalmente, insercion en la sociedade organizada de las 21 comunidades en el DF y su entorno.

Durante el primer módulo del curso, con tres meses y medio de clases diárias, ellos aprendieron técnicas de texto periodístico, fotografia, edición, diagramación, caricaturas, ética.

Atravéz del método “aprender haciendo”, los alumnos concibieron y concretaran la revista comunitária NÓS ( en portugues nosotros y nudos) , la qual lucha por la inserción social, contando con la solidaridad de todos.

Depues del lanzamiento de la revista, el dia 17 de diciembre de 1997, los alumnos salieron por las calles del Plano Piloto y de sus comunidades, vendendo NÓS. La ganancia de los 17 mil ejemplares, conforme lo establecido desde el início, revirtió totalmente para cada un de los desempleados.

El segundo módulo del curso, en desarrollo y con dos meses de duración, tiene como objetivo la elaboración del segundo número de NÓS y la conformación de una cooperativa para dar continuidad al proyecto, garantizando así, para cada uno de los alumnos una renta mensual.

Brasília, 5 de marzo de 1998

#### Resume:

The course on Communitarian Journalism took place in Brasília, offered by the University of Brasília, throughout the cooperation with the Government of the Federal District (Brasília) destined to improve technical abilities among jobless students from the suburbs areas of the town.

A group of 50 students were picked up among 552 candidates. Minimum requirements to be registered included: fifth grade of elementary school, 17 years old, vocation to deal with the production of a newspaper and have involvement with communitarian services in grass roots organizations.

Along the first section of the course, 14 weeks of daily classes, students were trained in writing, photography, editing art and ethics.

The whole project was guided by a methodology based on “learning in action”. Therefore, it was created a communitarian magazine **NÓS**.

In Portuguese, it means US and Knots, simultaneously. The new magazine has been designed to fight social exclusion and to favour solidarity among the people.

Right after the inauguration, December 17 of 1997, the students themselves were gone out to streets selling the magazine. Around 17,000 issues were sold out, and the respective revenue has been allocated for the jobless students, as it was previously decided upon.

The second section of the undergoing course will last for ten weeks, and will be dedicated to bring about the second issue of the magazine. At the same time, the involved group will look for the establishing of a cooperative, in order to assure the continuity of the overall project, including the assurance of a minimum income for all and every student.